LISBOA — SEGUNDA-FEIRA, 22 DE AGOSTO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 118 — 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor

JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas

RUA DO MUNDO, 116, 1.

Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

O *PRIMEIRO de Janeiro* abriu uma campanha contra o que ele chama a infiltração alemã, um dos perigos postos agora a descoberto pelos orgãos de grande informação.

Sem a menor sombra de vaidade, devemos declarar que, na primeira página do *Diário de Lisboa*, antes de qualquer enorme colega, nos referimos ao perigo que resultaria da entrada secreta e discreta do ouro do Rheno, assenhoreando-se da nossa industria, do nosso comercio e da nossa finança. Para fazer isto, não rufámos nenhum tambôr nem empunhámos uma tuba. Procedemos sem agitar escandalo, porque este só aproveita a certos interesses.

O *Diário de Lisboa* é cheio de modestia e feito por pessoas que não jogam na bôlsa, nem pensam em enriquecer.

O *Primeiro de Janeiro*, que é um colosso de orgulho, referiu-se, no sábado, se não estamos em erro, á entrevista que um dos nossos redactores teve com o sr. ministro da Alemanha.

Nem sequer nos citou, talvez para acentuar bem que nos lia, mas nos desconhecia!

Embora deplorando o facto, não podemos deixar de dizer que a liberdade que ele assim toma pertence ao numero dos maus exemplos. Os jornaes têm o seu titulo, como as pessoas o seu nome, muito presando, portanto, que os não considerem anónimos.

Mas há ainda mais—é que o artigo de *O Primeiro de Janeiro* lança uma dóse de bicadas em vários sentidos, não faltando logo quem quizesse vêr n'algumas delas desprimores para o nosso jornal.

Não acreditamos.

O director de *O Primeiro de Janeiro* é um homem educado e culto, que não escreve palavras ao acaso, só para recrear a galeria ou o subterraneo. Pedimos-lhe, portanto, que nos diga com toda a clareza se visou o *Diário de Lisboa*.

Estimamos os nossos adversários, quando uzam de lealdade para comnôsco. Colocamo-los logo a seguir aos nossos amigos. Detestamos tudo o que seja ambiguo ou hipócrita. O *Diário de Lisboa*, em assuntos desta espécie, segue sempre em linha recta. Dá o seu recado, sem papas na lingua.

De resto, para evitar viciosas interpretações, vamos declarar uma vez mais, que não defendemos como nossas as opiniões dos nossos entrevistados. A reponsabilidade é toda deles.

Quando o *Diário de Lisboa* queira espalhar ideias suas, consulte-se a sua primeira página. Nas outras, deseja, sobretudo, ser actual, ligeiro, lisboeta, fragrante, para aprazimento do luzido corpo dos nossos leitores que vivem em todo o país. Quem lhe atribuir outras aspirações ou propósitos enganar-se, mente ou calunia.

Claro está, não desejamos, nem por sonho, dos que assim afastamos do nosso convivio.

* * *

REUNE hoje a comissão municipal do Partido Democrático.

A'manhã reunirão as suas comissões politicas. Debater-se-há a questão politica e a atitude a tomar no Parlamento.

As comissões vão manifestar o seu interesse pela rápida convocação do congresso partidário, que este ano terá lugar em Coimbra.

PELA JUVENTUDE

O ministerio da Instrução publicou, no dia 9 de Agosto, o decreto n.º 7:662, que aprova e manda pôr em execução imediata o Regulamento das Provas Inter Escolares de Educação Fisica, cujo artigo 1.º diz assim:—«Anualmente realizar-se-há uma festa nacional de Educação Fisica, que terá lugar, no ultimo domingo do mez de Maio, em todas as localidades onde exista liceu».

Em § unico indica quem tem de concorrer a tal festa: alunos dos estabelecimentos oficiaes e particulares de ensino secundário ou equivalentes, assim como os das escolas primárias superiores.

O artigo 2.º dispõe:—«A Festa Nacional de Educação Fisica constará: I parte—Canto coral:; II parte—Parada de ginástica; III parte—Jogos escolares «barra e bandeira»; IV parte—Desportos atleticos; V parte—«Lawn-tennis»; VI parte—«Foot-ball».

Embora nós saibamos que uma coisa é o que se legísla ou decreta e outra assás diferente o que se pratica, não podemos deixar de dirigir os nossos cumprimentos ao sr. ministro da Instrução, pela sua iniciativa. Nós, os portuguezes, ainda não nos convencemos bem das vantagens da cultura fisica, porque não tivemos nunca a impressão nitida da força e da beleza do nosso próprio corpo. Por emquanto só um grupo, e por sinal bastante restrito, compreende a necessidade de educarmos as novas gerações, de maneira a fazer-lhes descobrir a elegancia do musculo.

Crêmos, porém, que os velhos hábitos e preconceitos começam a perder a sua rigidez. A guerra revelou a superioridade das raças fortes. A paz e as lutas de concorrencia que ela traz comsigo só será fructuosa para quem resista a todos os cansaços. Nós temos muita imaginação, mas um arcaboiço pouco resistente.

Conhecemos a natureza que a nossa alma lirica e doente povôa de visões pálidas e liricas. Ora a natureza deve estar, sobretudo, em nós—cheios de saude, de alegria, de entusiasmo e de amôr á beleza.

As nossas escolas, cujo rendimento é muito precário, devem remodelar-se, para que deixem de ser a negação do instinto vital dos rapazes que as frequentam. Se os métodos do ensino nem sempre se proporcionam á curiosidade do estudante—o que prejudica a formação da sua inteligencia—o que diremos do desprezo a que os professores votam o seu desenvolvimento fisico! Urge pôr remedio a tamanho mal, visto que o futuro da raça assim o exige.

Ponhamos os olhos no formoso espectáculo que foi o encerramento do ano escolar, na cidade de Amiens, em França, onde um homem de gôsto, o sr. Allard, conseguiu reunir num parque sete mil creanças que celebraram a festa do ritmo, executando aos sons duma orquestra evoluções em massa, rondas cantadas, canções animadas, scenas populares mimadas e dançadas. Constituiu um raro encanto vêr quatrocentas meninas, vestidas de tunica, que interpretaram um bailado, acompanhado de canto.

Assistiram vinte mil espectadores.

Quando é que entre nós se fará o mesmo ou equivalente?

OBRAS NO PREDIO

(Desenho de Stuart Carvalhaes)

—Apresento-te minha mulher. Recomendo-te, porêm, que não te encostes; está pintado de fresco.

O SR. ministro da Instrução, que esta tarde regressa a Lisboa, tem entre mãos uma proposta de lei para apresentar ao Parlamento, no sentido de modificar a fiscalização do ensino primário. Um dos objectivos do ministro é reduzir a área dos circulos escolares, para assim os respectivos inspectores terem tempo de acompanhar de perto a fiscalização pedagógica, faltando-lhe, portanto, elementos para conscientemente, elaborarem o seu relatório anual.

A lei determina que em cada inspecção escolar deve haver um secretário, devendo esse funcionário ser um professor em exercicio na escola da localidade e trabalhando na Inspecção apenas nas horas disponiveis. O secretário vence, como gratificação, 100$00 por ano.

Com tão ridicula paga, tal cargo não se torna apetecivel. Por isso, o sr. Ginestal Machado pensa que o secretário, embora professor, deve dedicar-se exclusivamente á inspecção escolar, para o que será convenientemente remunerado. Desempenhará todo o serviço burocrático.

Quanto ao inspector passará a ocupar-se sómente da parte pedagógica, devendo ser-lhe abonada, para esse fim, uma verba de ajudas de custo.

* * *

A COMISSÃO dos Caminhos de Ferro do Senado deu já parecer favoravel ao projecto de lei apresentado pelo senador sr. Herculano Galhardo, sobre os caminhos de ferro do Sul e Sueste. Hoje esteve no Parlamento, uma comissão de ferroviários, acompanhada do sr. Fidelino Costa, tratando com alguns deputados das suas reclamações.

* * *

NO dia 30 do corrente, no ministerio da Agricultura, reunirá a comissão encarregada da acquisição de trigos.

* * *

NO Parlamento continuará hoje a discussão da proposta de lei sobre o regime cerealifero apresentada pelo sr. ministro da Agricultura.

O sr. João Luiz Ricardo dispõe-se a atacá-la com denodo e vivacidade. A proposta tem realmente pontos fracos, um dos quais reside no facto do ministro por discordar do parecer da comissão fixadora dos preços dos cereaes, ter elaborado um trabalho absolutamente oposto ao critério daquela. Mas há mais: vigora desde Setembro do ano passado uma lei, de que é autor o sr. António Granjo e que o sr. Melo Barreto sancionou como ministro.

Ora o sr. dr. António Granjo sustenta que o que fez está muito bem feito e que a lei não deve ser revogada

E como o sr. Sousa da Camara exigirá, para continuar fazendo parte do gabinete, a aprovação da sua proposta, póde muito bem ser que a discussão do novo regime cerealifero produza numerosas «espigas»—para o sr. Tomé de Barros Queiroz.

* * *

O SR. ministro das Finanças tem várias propostas para apresentar ao Parlamento.

Só o fará, porém, depois de discutidas as que já apresentou.

OS TEATROS

NO NACIONAL

Ainda o "Rogerio Laroque"

Um lapso da nossa critica e uma pequena observação

Na singela e fugidia apreciação que outro dia aqui se fez á peça «Rogerio de Laroque», agora em scena no teatro Nacional, esquecemo-nos de citar o nome de Mario Santos. Mas entanto, mais vale tarde do que nunca.

Mario Santos afirma no «Rogerio Laroque» a suas brilhantes qualidades de observação e de inteligencia. Estudou o papel; depois deu-lhe vida, angustia, fatalidade. No 1.º acto, aquela dôr fisica dum ferimento recente que a custo o deixa falar e andar, é bem expressa, eloquentemente transmitida á platea pela voz, pelo gesto e pela mascara. Na scena do tribunal, Mario Santos marca bem a atitude dum homem em conflito com a sua propria alma. Acusar Laroque que lhe roubou a honra? Defendê-lo? Dilema formidavel. Mario Santos consegue exteriorizá-lo. E' perfeito. Comove.

E já agora que tocamos nos artistas do Nacional, vá lá uma observaçãosinha que merece castigo de palmatoria... Ante-ontem, alguns actores recheiam o infeliz «Rogerio Laroque» de alguns ditos de revista. Citou-se o livrete, a greve das criadas, os amigos da platea! O publico não compreendeu, mas espantou-se daqueles dizeres absturzos, inteiramente fóra da peça. Que diabo! Apesar de estarmos em agosto, apesar de nós todos sabermos que os artistas do Nacional são muito espirituosos, não há direito para se transformar um drama, como é o «Rogerio Laroque», em qualquer «vaudeville» ligeiro.

Entre nós

Ao contrario do que se tem dito, são ainda prematuras as noticias sobre a organização definitiva do «elenco» da companhia Lucilia Simões.

—O actor Samwel Diniz, que fará parte da companhia que vai explorar o Politeama no proximo inverno, volta a representar com Palmira Bastos quando esta artista regressar do Porto a fazer uma temporada em Lisboa.

—Ensaiou hoje em ensaios o novo quadro com que vai ser aumentada a revista «De capote e lenço», em scena no S. Luís.

—A peça com que se inaugura a companhia Luz Veloso, no Chiado Terrasse, intitula-se «Mario e Maria».

—O scenographo Mergulhão começou a pintar as scenas que lhe foram distribuidas na revista «Buena Dicha», de Antonio Torres e Ferreira.

—No Politeama, a seguir ao «Amor perfeito», subirá á scena a opereta «Mademoiselle Ecran».

—E' para a revista «Tic-Tac» que está pintando uma apoteose-«charge» o distinto caricaturista Amarelhe, a qual, entretanto, não pode exibir-se ontem na «première».

Reclames

NACIONAL—O «Rogerio Laroque», com o seu misterioso e original entrecho, que mantém o publico em permanente espectativa, até ao sensacional desenlace, continúa atraindo numerosissima concorrencia.

S. LUIS—A celebre revista «De capote e lenço» é a peça mais querida e predilecta do publico, enchendo sempre o teatro e rindo constantemente.

AVENIDA—Espirito, delicadeza e arte são, além de outros, os requisitos que recomendam a peça que o Avenida tem em scena, com o sugestivo titulo «Guardado está o bocado...».

GIMNASIO—Completa hoje 39 representações seguidas e sempre com colossais enchentes «O celebre Pina». Ainda ontem se esgotou a lotação no lindo teatro.

POLITEAMA—Dá hoje a sua penultima representação a lindissima opereta «A rainha do fonografo», das melhores peças que, no genero, temos visto. É á companhia Satanella-Amarante interpreta-a admiravelmente, motivo por que a concorrencia ao teatro é sempre formidavel.

APOLO—Repete-se todas as noites a espirituosa e deslumbrante revista de Baptista Diniz «A' procura do badalo». A companhia Ruas está dando ali os seus ultimos espectaculos, visto ter de apresentar-se no teatro Nacional, do Porto.

SALÃO FOZ—Prossegue a exibição dos seus trabalhos o celebrado artista Stevenson, fenomeno psiquico notavel na sugestão, telepatia e transmissão do pensamento, com sua esposa, a interessante «medium» que o acompanha.

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—A's 21,15—«Rogerio Laroque».
S. LUIZ—A's 21,30—«De capote e lenço».
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—A's 21,30—«A' procura do badalo».
AVENIDA—A's 21,30—«Guardado está o bocado...».
POLITEAMA—A's 21,30—«A rainha do fonografo».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
SALÃO FOZ—A's 21,30—Stevenson e Frizzo.
COLISEU DOS RECREIOS—Fechado.

CHIADO TERRASSE—Fechado.
TEATRO GIL VICENTE (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas-feiras «Depois do degredo!».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.

GOTA

Tratamento hidro-mineral — Lamas radio-activas—Mecanoterapia

ESTORIL — TERMAS

CRONICA FINANCEIRA

A POLITICA FINANCEIRA DO GOVERNO

COMPRESSÃO OU AUMENTO DE DESPESAS?

O BANCO PORTUGUÊS DO BRASIL—A AGENCIA FINANCIAL DO RIO DE JANEIRO

Nunca nos arrependemos de, através a nossa boa fé e os nossos patrioticos desejos, depositarmos boas esperanças na acção governativa de qualquer homem publico que assuma a administração das finanças do Estado. Confessamos sem vergonha, e com magua apenas de decepção, que puzémos esperanças em s. ex.ª o sr. Barros Queiroz, actual titular da pasta das finanças.

Nesta secção não se dá nem tira apoio a qualquer governo ou governante, porque essa é uma função politica, a que de todo é estranha esta secção. Mas demos-lhe a nossa crença no seu bom senso,—e porque não,—até na energia com que era de esperar mantivesse os seus principios, em materia financeira, tão alto e bom som expostos em conferencias publicas.

Um desses principios, a nosso ver e na opinião dos mestres financeiros internacionais que á pratica o têm levado na administração das principais potencias, na politica financeira *post guerra*—foi a compressão de despesas.

Saudámos aqui a coerencia com que s. ex.ª o sr. Barros Queiroz levou ao Parlamento incluida, nas suas propostas, a redução das despesas publicas. Fomos os primeiros a recear, e aqui o dissémos, que o sr. ministro das finanças encontrasse um caminho de rosas para essa medida. Expuzémos aqui as nossas duvidas sobre a acção parlamentar, chegando a pôr em confronto com a inconsciencia nacional a energica atitude da comissão de finanças do parlamento francês e do seu governo. Tudo previmos, tudo; o que não nos podia passar pela cabeça é que o sr. Barros Queiroz dias depois de documentar alarmantemente a sua opinião e a sua proposta da compressão de despesas, viesse declarar perante o mesmo parlamento que *se desinteressava da redução de despesas com o funcionalismo.*

Não obstante já depois disso afirmar no Parlamento: «*A situação financeira não é má; é pessima. Não podemos com tanto funcionalismo nem há maneira de sustentar uma guarda republicana, um exercito e uma marinha como temos.*»

Isto quere dizer que s. ex.ª recuou ante pressões estranhas ao Parlamento e á imprensa.

Confessamos que foi para nós uma desilusão, e recordamos como preito ao sr. Barros Queiroz, este episodio historico.

Antes de 1910, assumia a gerencia da pasta das finanças o sr. Anselmo de Andrade, aureolado dum prestigio financeiro adquirido na sua vida de publicista da especialidade e então reforçado pela aparição recente dum volume sensacional. No dia em que se apresentava ao Parlamento, o actual ministro de Portugal em Paris, o sr. João Chagas, perguntou-lhe:

—Que fará v. ex.ª se não puder pôr em pratica as suas teorias financeiras?

O sr. Anselmo de Andrade, com toda a simplicidade e firmeza e toda a logica, respondeu:

—Ir-me-hei embora.

E assim fez.

* * *

Quando cai esta ilusão, que foi para o paiz, como para nós, de se encaminhar a administração publica para uma era de redução de despesas, já praticada pela França, pela Inglaterra, pela Italia—de que é exemplo o Rei—pelo proprio Brasil, lêmos na imprensa periodica esta nota:

«O sr. Hermano de Meseiros e o sr. Abilio Marçal estão redigindo uma proposta de lei, aumentando (?) para 1:500$00 mensais o subsidio dos ministros.

Tambem nos conesta que vai ser em breve discutida uma proposta dum grupo de deputados, aumentando (?!) para 300$00 mensais o subsidio parlamentar, que por essa proposta passará a ser anual.»

Perante isto, a desilusão do paiz nao deve nem pode limitar-se ao sr. Barros Queiroz.

Vai mais longe: atinge o proprio Parlamento.

Na verdade, com que autoridade há-de esse Parlamento cortar as despesas com a força armada e o funcionalismo, quando ele mesmo se aumenta os proprios vencimentos, transformando-os de jorna em anuidade, e transformando-se assim de legisladores em funcionarios publicos.

* * *

Lêmos com o maior prazer as declarações oficiais sobre o restabelecimento da Agencia Financial do Rio de Janeiro.

Sempre o pensámos e aqui o dissémos: a boa vontade do Brasil para com Portugal permitia a esperança de que com uma inteligente e pertinaz acção diplomatica se viesse a obter do grande e fraterno Brasil esse regime de favor, que seria o restabelecimento da Agencia Financial.

Em que termos se obterá esse restabelecimento?

Declarou s. ex.ª o sr. ministro dos estrangeiros que nos mesmos termos anteriores.

Quais?

Nos termos anteriores á cassação do privilegio?

Isto é: a Agencia Financial teria novamente os fóros de uma entidade bancaria privilegiada?

Ou seria apenas um maquinismo de transferencias de espolios de portugueses?

E' claro que quaisquer outras entidades bancarias farão as transferencias necessarias á continuação da vida financeira entre a patriotica colonia portuguesa do Brasil e a mãe-patria.

O interessante, porém, era saber se a Financial seria restabelecida *status-quo ante* de privilegiada entidade bancaria.

Foi isto que s. ex.ª o sr. ministro dos estrangeiros não explicou e o que seria interessante explicar, para se saber até que ponto a nossa diplomacia consegue e sabe servir os interesses nacionais.

* * *

O ultimo boletim do *Banco Português do Brasil* é um elemento comprovativo do enorme e sempre crescente desenvolvimento desta já poderosa entidade bancaria.

E' um prestigioso instrumento financeiro que hoje ombreia com as principais instituições de credito na praça brasileira. O seu florescente desenvolvimento está levando a sua acção a todos os estados da federação brasileira. E vai, tão vasta e tão poderosa a sua acção, que é de prever que a sua propria pujança indicará um breve aumento de capital, naturalmente chamada parte ou todo o capital subscrito para a segunda emissão.

Tranquilo objecto de capitalização, como é o *Banco Português do Brasil*, não é tam bem dificil de prever com que entusiasmo os accionistas da referida instituição acudirão a esse convite, que a propria prosperidade indica.

MAGAZINE

O fim de Tolstoi

Agora que a Russia em debandada vai pelas steppes infindaveis para morrer ao acaso em logares desconhecidos, em procura de um bocado de pão, lembra-nos a morte de Tolstoi, o grande escritor russo que foi morrer longe de todos, na sala de espera de uma estação longinqua de caminho de ferro do campo.

Como ele uma das mais formosas encarnações do genio russo, grande e tragico, os camponeses, abandonados os lares, lá vão em procura de uma subsistencia que não encontrarão antes da morte, como ele partira procurando encontrar com seus pensamentos o fim e a causa do bem e da existencia.

Mas se a Russia morrer, deixará falando de si eternamente «O conto dos barqueiros do Volga» que ela propria talvês desconheça.

Motivo de orgulho

Conta-se esta anedota que, verdadeira ou falsa, dá nota da amisade de que gosa Carpentier, apesar da sua derrota, se pode chamar-se assim ao murro que dá ocasião a um homem conhecer que a admiração e a amisade que lhe tributam não é um sentimento relativo dependente da força do murro de um brutamontes fenomenal.

Sentado no terrasso de um café estava um velhote cujas aparencias indicavam a mais absoluta indiferença pelas coisas deste mundo que não fossem o seu charuto e o calice de licor de que bebia um golito de quando em quando.

No intervalo de dois golos e duas tiradas de fumo o nosso homem olhando vagamente, tira da algibeira uma carta que volta e torna a voltar entre os dedos como um namorado fazia a um bilhete da sua bem amada.

Põe o dedo sobre o timbre e puxando pela manga do casaco do vizinho diz-lhe com a voz compenetrada de quem fala de coisas que lhe tocam profundamente:

—O carimbo do *Savoie*, veja. Veiu no mesmo barco que o Carpentier...

Tambem?

Decididamente a Sociedade das Naações vão ter de que ocupar-se.

O famoso diario de Edmond Goncourt discutido, desejado, guardado a sete chaves pelos testamenteiros que já o deviam ter publicado, causa furor em França e o ministro de Belas Artes e os tribunais são chamados a decidir sobre as famosas memorias.

Léon Berard, o ministro das Belas Artes, é como póde calcular-se, vitima das interrogações consecutivas dos curiosos e dos jornalistas.

Depois do conselho de ministros realisado quando Lloyd George já partira para Inglaterra, os jornalistas esperavam os ministros para os interrogarem ácerca dos acontecimentos politicos quando apareceu Léon Berard que foi immediatamente colhido por uma serie de preguntas ácerca do futuro da questão Goncourt.

O ministro de Belas Artes escutára atentamente as razões de Briand ácerca da Alta Silesia e as palavras do presidente do ministerio não caiam em chão roto.

—Então, sr. ministro, o que há de novo ácerca dos Goncourt?

—Vai ser entregue a Sociedade das Naações para resolver o conflito.

OBESIDADE

Tratamento pelos agentes fisico

ESTORIL — TERMAS

BANCO INDUSTRIAL PORTUGUÊS

RUA AUGUSTA, 116

LISBOA

COFRES DE ALUGUER

(Casa FICHET, Paris)

Em casa forte, construida pelos processos mais modernos e com todas as garantias de segurança

ARTE & LETRAS

O inglês de ontem O inglês de hoje

E' curioso comparar a sentimentalidade inglesa de outrora com a de hoje.

Antigamente o inglês era humano como é hoje o latino, tinha ás vezes educação e muitas vezes *pose* que revestiam o seu ser, mas revestiam-no, como um fato que se muda, quando está velho e que se manda ao *degraisseur* quando é necessario. O inglês de hoje veste a sua má educação e a sua civilização—até mesmo o seu patriotismo—e fica vestido como na sua pele, e uma pele que é impermiavel, não deixa entrar sentimentos novos e esconde os sentimentos intimos. Provém isto, sem duvida, do protestantismo que é uma religião hipocrita e toda de aparencias. Não quero dizer que não haja protestantes sinceros e bons, porque sei que os há, até conheço alguns, mas se são bons e sinceros nessa religião é por estarem tão bem revestidos dela que se não podem vêr a si proprios como um senhor gôrdo e despeptico, que tambem conheço, e que estou convencido nunca pôde vêr os seus proprios joelhos.

Ora em 1660 houve um inglês chamado Manuel Pepys, secretario de qualquer coisa no almirantado, que escreveu o seu diario e esse inglês era muito humano e até se queixava dos percevejos nas camas das estalagens... O inglês de hoje faz que ignora a exisfencia de percevejos, como eu faço por ignorar a presença do sr. Bernardino Machado, se acaso passo por ele na rua.

O inglês antigo confessava ter uma barriga, hoje tem apenas estomago e se acaso lhe doi o estomago queixa-se que lhe arde o coração!

Mas há no inglês de hoje uma coisa imensamente simpatica, que é o seu sentimentalismo, lial e puro como o sentimentalismo dum conto de fadas.

Nunca um *gentleman* inglês casa por dinheiro com a desfaçatez com que o francês faz um casamento de *convenance*.

Outra coisa boa tem o verniz aplicado no *public school* e na universidade: é o sentimento do dever a que o inglês que se sente um *gentleman* nunca foge, o menor desses deveres é o dever de proceder como um *gentleman*.

E eu hesito se é melhor ter as qualidades semi-artificiais, um pouco talvez para inglês vêr, que fazem um *gentleman* e criam uma grande e poderosa nação, rica e feliz, ou se é melhor ser humano, da humanidade que foi tirada do barro e foi vivificada com o sôpro divino, a ser uma nação que se debate na lama, mas cujos filhos sabem voar como a aguia.

Maria Sofia Santo Tyrso.

Neves & Cruz

Importadores e Exportadores directos

SÉDE

Rua Ivens, 53

CONSERVAS E VINHOS

Filial em Anvers

RUE DES FORTIFICATIONS, 69, 1.º

Agentes no Congo Belga, Loanda e Benguela

(Produtos africanistas)

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

UMA PEÇA DE TEATRO

"MARIA ISABEL,,

Publicamos a seguir um trecho da peça «Maria Isabel» de Americo Durão, ha tempos representada no Teatro Nacional:

ANGELA, *feliz, radiante*

A'manhã as nossas vidas ficarão presas para sempre: enleadas no amôr como duas vides num cedro! A'manhã será o dia que anciosamente espero há vinte anos, sem uma palavra amarga de repreensão ou de censura: o dia que eu tinha quási perdido a esperança de vêr chegar alguma vez!

Numa transição de melancolia

Hoje, que estamos tão perto dele, consente-me um desabafo:—Eu sofria, oh! meu Deus! para conservar esta aparencia calma, serena, sofria horrorosamente!

Mas não quero lembrar-me disso. Já lá vae... Hoje só quero viver para a lembrança de que ámanhã serei tua, Gonçalo!

GONÇALO, *sem entusiasmo*

Sim, realizaremos o nosso antigo sonho.

ANGELA

A'manhã! Não imaginas o encanto, o prazer que eu sinto ao rezar esta palavra. Depois de vinte anos em que inutilmente a esperei, vendo-a tão longe que perdera quási a esperança de alcançá-la, toma um sentido novo, tão diferente do vulgar, tão outro, que me enche duma alegria doida! E' o impossivel, a ilusão que eu fecho aqui nas mãos, que se me encadeiam nos dedos e por coisa alguma do mundo eu os deixaria fugir. Faz-me creança, quási me endoidece!

GONÇALO, *constrangido*

Seremos muito felizes, verás...

ANGELA

Mas tu não vibras da minha alegria, do meu entusiasmo, deste ardôr da minha alma, da minha carne, do meu sangue...

GONÇALO

Se me não deixas falar..

ANGELA

Fala! Sim, quero ouvir-te.—*Gonçalo fica-se imovel, perturbado, sem uma palavra.*—Mas não dizes nada, estás tão triste! Gonçalo, meu amôr, que tens?

Será por causa daquele segredo, do teu segredo? E' preciso que m'o contes, prometeste-m'o. Embora eu andasse morta de curiosidade fui sempre discreta, mas agora vaes dizer-m'o. Depois de m'o confiares, há de pezar-te menos...

GONÇALO

Não; ainda não.

ANGELA

Seria o meu melhor presente de noivado, o mais belo. O que mesmo sendo doloroso me daria mais prazer fazendo-me sofrer por ti, chorar comtigo.

GONÇALO, *num alheamento*

Depois...

ANGELA, *inquieta*

Já nem sei o que adivinho! E a minha alegria que me foge. E' a vida que eu fechara nestas mãos que por entre os dedos se me escapa, como duas mancheias de vento! Mas não há de ser assim, tu não hás de querê-lo. Gonçalo, meu amôr de sempre, sê bom, sê generoso com a tua mulherzinha!

GONÇALO, *glacial*

A'manhã...

ANGELA, *aterrada*

Meu Deus! A maneira porque disseste essa palavra! Como na tua bôca o sentido se lhe escureceu... Na minha bôca tinha um gôsto a madrugada e na tua teve um som de mau agouro, funebre, gelado como um cadáver... Eu não era supersticiosa mas, agora... Jesus, que estará para acontecer?!

GONÇALO

As coisas que essa pobre cabeça inventa...

ANGELA, *cerrando os olhos*

Não as invento, pressinto-as

Um silencio

O teu segredo? Quero sabê-lo, exijo-o

GONÇALO

Não insistas; sê razoavel peço-t'o.

ANGELA

Verás como o hei de ser.

GONÇALO

Não; não és razoavel. Para que te inquietas? Asseguro-te que não há motivos para isso.

ANGELA

Há! Eu sinto-o. Amo demasiado para que me deixe iludir. Não foi em vão que passei anos, longos anos, anos como seculos a pensar em ti, a adivinhar-te os pensamentos, a lêr nos teus olhos, como num livro aberto. E' verdade que nesse livro houve sempre, quási sempre, uma página fechada para a minha anciedade.

Mais triste

Começo esta noite a entendê-la!—*fremente*—Gonçalo para que sei eu lêr nos teus olhos?

GONÇALO

Enlouqueces. Juro-te.

ANGELA, *não o deixando acabar*

Não és sincero!—*tomando-lhe as mãos numa anciedade crescente*—Fita-me bem! Assim... Assim... Agora diz que me engano, que não devo inquietar-me

GONÇALO

Afirmo-t'o.

ANGELA

Não é isso que eu leio nos teus olhos.

GONÇALO

Juro!

ANGELA

Desviaste o olhar... Não pódes suportar o meu! Mentes! Tu mentes-me Gonçalo, e eu... não t'o mereço!

GONÇALO

Desvairas. Agora acusas-me de mentir! Bem sabes que nunca menti.

ANGELA

E' hoje a primeira vez. Mas se tu soubesses em que desolação, em que gelada amargura se mudou a minha alegria! Se pudesses saber que suspeita me assaltou... —*numa decisão*—Olha bem para mim!

GONÇALO, *fitando-a*

Pronto. Estás tranquila?

ANGELA

Numa grande expressão de amargura, de tristeza, de anciedade—Ah!...—*depois rápida, querendo iludir-se, tentando prender um ultimo farrapo de esperança*—Livra-me desta suspeita! Diz que me amas!

GONÇALO

Amote.

ANGELA

Desviaste o olhar... Toma as minhas mãos, fita os meus olhos e agora repete que me amas. Preciso-o tanto!

GONÇALO

Toma-lhe as mãos, fita-a nos olhos—Amo... — *A voz estrangula-se-lhe na garganta e não póde acabar.*

ANGELA, *numa funda amargura*

Não digas nada. Não mintas. Conserva-te á altura do meu amôr.

Depois dum grande silencio doloroso

Era esse o teu segredo... Vês, podias dizer-m'o. Eu sou forte. Acolho serenamente a desgraça. Só a duvida me aniquila, só a mentira me indigna.

GONÇALO *tenta protestar*

ANGELA

Não protestes. Sê digno de ti próprio. A culpa deve ser minha. Tens razão. Uma mulher que espera vinte anos sem os quebrar um incidente, sempre resignada, acaba necessáriamente por se tornar monótona, aborrecida...

GONÇALO

Não, Angela, cada vez te quero mais

ANGELA, *com uma serenidade dolorosa*

Shut! Receio que vás dizer que me queres como meu irmão. Seria demasiado. Há palavras que depois de pronunciadas não se póde mais voltar atraz: são irreparaveis. Não digas nada! Ou havias de mentir, ou dizer-me coisas sem remedio.—*Anima-se-lhe a expressão, como quem sorri intimamente*:—Eu vou mudar, fazer me mais futil, mais mulher e hei de reconquistar-te! O meu amôr há de conseguí-lo. —*toda iluminada de uma grande fé*—Será uma ressurreição!

Americo Durão

Carta do Bussaco Impressões...

Amiga:
Sombra. Sombra demais. E' uma canseira
Procurar vêr o sol ardente, a pino...
No Grande Hotel de estilo manuelino,
Dança-se muito o «tango», á quinta feira.

«Noblesse oblige» e as sombras do Bussaco
Obrigam-me a lembrar que sou poetisa..
A Musa está neutral: nem se humanisa,
Nem resolve meter a viola ao saco.

A' força de ser «chic» em seu ar nobre,
Este arvoredo aristocratisado
Deve ter um horrôr quasi sagrado
Aos pés quebrados e á rima pobre...

Sobre ele fez Garrett á aterrissagem.
Das azas brancas que lhe deu um anjo..
Talvez que a rima que me faça arranjo
Não bata as azas p'ra se pôr na aragem...

Talvez que a mim não me coloquem mal
Estas matas que todos podem vêr
Nos reclames serios para inglês ler
Da propaganda a vir de Portugal..

Talvez que... Mas, não, decididamente,
Tudo á musa é propicio... até d.mais,
Porque os excessos podem ser fatais
Ao meu estro que veiu convalescente

Deixando a mata do Bussaco imersa
Na sua sombra já assaz cantada,
Vou confessar-te uma intenção ousada,
Por ser melhor mudarmos de conversa..

Lisboa é muito quente, muito feia,
Nestes dias de sol vermelho, em fôgo,
Mas se eu soubesse que te via logo.
— Entrando na «Bénard» ás cinco e meia.

Junta ao «pirismo» dos freguêses rasos,
Num visinho de troça e de surpreza,
Entre a penumbra, ao canto, em certa mesa,
Numa nevoa fresca de «orgaudys»

Sem que estas sombras me fizessem falta
E sem dizer que «isto corria torto»
Tomava agora o rapido do Porto,
Ou logo á tarde o «transway» Beira Alta...

Agosto, 1921

Tereza Leitão de Barros

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Velho chá

Velha sala dum velho solar de provincia. Moveis antigos, jarras com rosas, tarde de primavera.

Gente elegante da cidade, gente ligeiramente demodée da provincia conversa e toma chá, Elé e ela, junto duma pequena mesa onde pousaram as chicaras, falam á parte.

Ela—sessenta anos, grisalha, um vestido de seilm preto com rendas antigas. Olhos e dentes juvenis.

Ele—sessenta e cinco anos, elegancia correcta, mas em que se revela o militar á paisana. Magro, trigueiro, bem conservado.

Ele—Que saudades me faz tudo isto!

Ela—Lembra-se dos dias que passámos aqui, há tantos anos? Nas jarras havia rosas iguais a estas, os moveis eram os mesmos, a casa e o jardim tinham o mesmo aspecto.. Nós é que mudámos.

Ele—A vida tem essa infinita tristeza, as pessoas transformam-se ainda mais rapidamente do que as coisas. E, quando acontece as coisas mudarem, aflige-nos a saudade do que foi, e quando não mudam, sentimos a saudade, ainda mais p ngente, do que fomos!...

Ela—E eu fui uma bonita rapariga, não é verdade? O general recorda-se ainda do nosso vago namoro? Um flirt, *como as pequenas dizem hoje.*

Ele—Se me r cordo! Mas não lhe chame flirt. *Era bem mais simpatico o namoro do nosso tempo. Não sei para que servem as importações estrangeiras, que não e adaptam ao nosso caracter. Nós somos incorrigivelmente sentimentais. Quando fingimos outra coisa ficamos ridiculos, grosseiros, ouliosos. Lastimo as raparigas de hoje.*

Ela—Não as lastime. Vivem satisfeitas. Eu vejo pelas minhas ne as. E depois não sejamos pessimistas. Os nomes é que mudam... e afinal os sentimentos são os mesmos; A epoca determina que seja mais elegante manifestá-los desta ou daquela maneira assim como na moda se varia a forma do vestido...

Ele—Mas a forma é que pode ser mais ou menos interessante, mais ou menos delicada...

Ela—Póde, póde, mas isso depende principalmente do interesse e da delicadeza das pessoas, creia. Ha uma aristocracia nativa, que nenhuma epoca consegue destruir. E depois as importações estrangeiras são muito mais de nome do que de facto. Veja o Chá das cinco. *Parece, como o* flirt, *importação inglesa...*

Ele—E não é?.

Ela—Creio que não. Quando o chá deixou de se vender na botica, onde lhe chamavam chá da India, para o distinguir de qualquer outro chá medi inal, começou a ser tomado nas casas fidalgas, a esta mesma hora, nestas mesmas porcelanas trans arentes. Quando eu era uma pequena de sete ou oito anos—veja ha quanto tempo.—nesta mesma sala, minha mãe oferecia ás suas vizitas chá e bolos, ás cinco horas da tarde. Havia apenas a diferença desse chá ser tomado algumas horas depois do jantar e chamar-se merenda. erviam, como agora, conforme a estação, doces, bolos, frutas, refrescos e chá.

Ele—Lembro-me muito bem. Nesse tempo almoçava-se ás nove horas...

Ela—O petit-dejêuner *de hoje.*

Ele—Jantava-se á uma...

Ela—O nosso almoço de agora.

Ele—A merenda era...

Ela—O five ó-clock-tea.

Ele—E a ceia de outros tempos o jantar dos nossos dias?...

Ela—Certamente. Nem lhe faltava a sopa.

Ele—E daí concluc a respeito de flirt?...

Ela—Que, com maior independencia e franqueza, se continua, simplesmente, a namorar... com dar...

Maria de Carvalho

NOTICIAS DE MARINHA

Entrou no quadro o capitão-tenente sr. Monteiro de Macedo, na vaga do seu camarada sr. Duarte Ferreira, que foi servir no ministerio das colonias.

—Foram fazer tirocinio para a Escola de Torpedos os aspirantes que terminaram o curso de marinha.

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

UMA BELA IDEIA

Vai ser enviada ao Brasil uma missão comercial

A colonia portuguesa, naquele país, daria sem duvida os fundos necessarios para cobrir o "deficit" das nossas finanças

O ilustre poeta sr. dr. Mario de Artagão concede ao "Diario de Lisboa" uma interessante entrevista

O sr. dr. Mario de Artagão, o ilustre poeta do «Psalterio», brasileiro de estirpe, mas português pela alma e pelo coração, esperava-nos ontem, pela volta das seis, na sua «vila» elegante que trepadeiras embrincam duma eterna primavera de corolas.

O jornalista começa por dizer que quasi não conversou com o sr. dr. Mario de Artagão. Ouviu longamente a sua palavra clara, luminosa, referir-se aos destinos de Portugal e Brasil. O que ele disse!?...

Mas o melhor é esboçarmos já as suas opiniões porque elas valem mais que todos os comentarios que se lhe possam fazer.

—Entendo que as relações entre Portugal e Brasil se devem fomentar economicamente. Depois da guerra a luta comercial estabeleceu-se entre todas as nações do mundo. Sem duvida que o inter-cambio literario e artistico é necessario. Todavia as razões de ordem economica são mais duradoiras, estão mais integradas no seculo.

—Como lançar essas relações?

—Existe um português, o sr. Candido de Soto Maior, que tem trabalha o proveitosamente para o estreitamento essas relações. No Rio fundou o Banco Português; em Lisboa o Banco Colonial. Estes dois bancos têm muita afinidade entre si, e até certo ponto dão vulto a essa ideia...

—Uma idé ! Mas porque a não diz?

—Mas, imediatamente o Brasil, Portugal e Angola deviam federar-se economicamente. Como sabe a minha patria e essa rica colonia portuguesa detêm a produção do café, do cacau e da borracha. Feita essa federação, os mercados de todo o mundo seriam facilmente conquistados, resolvendo-se assim o problema financeiro de Portugal... Há ainda um detalhe importante: a abolição das pautas aduaneiras dos dois países. Eis aqui como se poderia realizar praticamente o estreitamento das relações entre Portugal e Brasil...

—E uma aliança?

—Uma aproximação politica, não é? E' ainda um pouco cêdo...

—V. Ex.ª falou do nosso problema financeiro... Já agora...

—Eu talvez não me deva referir aos negocios internos de Portugal. Sou um estrangeiro...

—Mas um estrangeiro que ama o nosso país e que escreve em lidima linguagem portuguesa, tem sempre o direito de se referir a Portugal.

—E' necessario que o nosso país—o sr. dr. Mario de Artagão diz sempre nosso—ressurja, trabalhe. A situação financeira é grave, muito mais grave do que se supõe. Para a debelar é preciso que o Estado faça severas economias...

—O actual govêrno...

—Não! Não! Só um govêrno nacional, com figuras extra-partidarias, é que poderá impôr-se ao país e fazer uma politica de economia. Todos os outros—o que é humano—têm que se vergar ás clientelas. Portugal tem um rico imperio colonial ainda de pé pela fôrça prestigiosa da sua historia. E' admiravel! E' extraordinario!

O sr. dr. Mario de Artagão fala-nos largamente das nossas descobertas, da nossa historia, da nossa colonização. Diz:

—Os alemães colonizam pelo seu metodo; os ingleses pelo seu individualismo, individualismo esse que muitas vezes se sobrepõe ao povo conquistado; os portugueses pelo beijo...

—Uma imagem de poeta, dissemos.

—Não! Não! Todas as colonias portuguesas falam português. E' a acção suave, encantadora, afavel da alma luziada que se infiltrou lentamente e pela amisade conquistou os povos. Olhe para o Brasil! Raças diferentes, quasi um continente e todo ele ligado por um elo industrial—a lingua...

Aqui uma frase:

—O Brasil é um Portugal americano.—E continuando:—A India, o Egito não tardam que adquiram a sua independencia. Porquê? Porque nesses paises não se fala a lingua inglesa. Agora mesmo na Austria é a lingua que aglutina os Estados e que os impõe á Europa...

A palavra harmoniosa do sr. Mario de Artagão tinha-nos arrastado para fóra do assunto da entrevista. O Brasil perdia-se já em brumas... E' o problema financeiro?

—Se v. ex.ª se quizesse referir...

—Ah! Tem razão. Dizia eu há pouco que é preciso levantar Portugal; cobrir o tremendo «deficit» que o não deixa caminhar.

—Mas como?

Uma hesitação. Os nossos olhos prendem-se numa tela. Era uma madona de Rafael, olhos marescentes, com um clarão de oiro liquido flutuando num deles. Um sorriso imaterial de graça, reflexo de Deus e do infinito, entreabria-lhe os labios num maravilhoso ritmo.

Seus braços em anfora envoltos em roupagens suntuosas cingiam ao seio um bambino côr de rosa e oiro.

—Pensa-se em mandar ao Brasil uma missão comercial que vá junto da colonia portuguesa angariar fundos para cobrir o nosso *deficit*...

Outra hesitação. Insistimos, insistimos com esta frase:

—Um emprestimo, não?

—Sim; talvez um emprestimo. Mas o assunto é muito delicado e ainda não está completamente debatido. Se me permitisse guardar silencio...

—Só ema pregunta doutor: essa missão vai com o beneplacito do governo português?

—Vai. Será precedida de uma acção diplomatica que terá de ser muito bem conduzida. A maior parte de todos os portugueses que estão no Brasil são ricos. O nosso apelo será ouvido... O português é patriota, extraordinariamente patriota longe da sua terra.

—Se permitisse...

—Quere desvendar o segredo?

—V. ex.ª compreende... Quem vai nessa missão?

O sr. dr. Mario de Artagão sorriu-se ante a nossa insistencia. Depois um pouco convencido, confessou:

—Nessa missão comercial irão os srs. José Francisco da Silva, Antonio Vieira Pinto e Candido Soto Maior. O que deseja mais?

—Agradecer-lhe essa boa noticia.

A entrevista acaba ja aqui. No entanto, com um bocadinho de inconfidencia, podemos dizer que o dr. Mario de Artagão, prepara uma peça para o proximo inverno. Como se chama? Sabemos apenas que, é uma taça, uma *taça* de belesa.

Rebocador de alto mar

Regressou da Alemanha o capitão de mar e guerra sr. Nunes de Sousa, que havia sido encarregado de o adquirir

Regressou da Alemanha o capitão de mar e guerra sr. Nunes de Sousa, que fôra encarregado de fazer a acquisição de um rebocador d'alto mar para a provincia de Moçambique, e seguiu para ali, a fim de assistir á sua construção, o capitão-tenente engenheiro-maquinista, sr. Mendes Barata.

NO EDEN-TEATRO

A revista "Tic-Tac"

em dois actos e nove quadros

original de Alberto Barbosa e Xavier de Magalhães, musica de A. Coelho, R. Portela e A. Lopes

O *Tic-Tac*, que ontem subiu á scena no Eden-Teatro, é uma revista que tem o ritmo da asneira.

O *Tic-Tac* não marca, segundo a segundo, o tempo que passa, mas sim o equivoco soez, a baixa farça, a asneirola despejada um que entre colarejas. Nôs—é preciso dizê-lo—não queremos deitar abaixo a revista. Nem de longe conhecemos os seus autores, os srs. Alberto Barbosa e Xavier de Magalhães, que em auto-critica aparecida ontem na *Manhã* a colocaram acima do sol e da lua. O que protestamos, porém, é contra o cultivo sistematico, neste genero de teatro, de tudo quanto é mau, quanto é sujo. A critica sal-pimentada, o *double-sens*, o acrobatismo do pensamento tem um limite.

Ora o *Tic-Tac* não se fixa nesse limite; ultrapassa-o escandalosamente.

Em resumo: o entrecho é mau. Há asneiras a mais e ideias a menos. Graça, leveza, colorido estão ausentes do *Tic-Tac*. Quanto á interpretação, devemos salientar Zulmira Miranda no fado a «Triste Feia» e Carlos Leal na «Lata Estanhada». Zulmira tem um lindo fio de voz que perturba e encanta. E' a propria expressão da saudade e da renuncia. Carlos Leal é um comico perfeito. Tem nervos, vida, espirito—faz rir sem forçar o riso.

Elisa Santos é uma graciosa «figurine» cujo temperamento artistico é exuberante, exuberante demais.

Há outros artistas que poderiam ir melhor se a revista se não chamasse *Tic-Tac*...

A musica foi muito bem coordenada pelos srs. Raul Portela Alves Coelho e Antonio Lopes. Já a ouvimos no *Bal Tabarin*, na *Viuva Alegre* e em todas as revistas dos ultimos anos.

Um ultimo comentario: o *Tic-Tac* deve fazer carreira, apesar da pateada que ontem estrugiu logo na primeira sessão.

Dario

Submersivel "Espadarte"

Foi louvado o seu comandante, 1.º tenente sr. Alves de Sousa

Foi louvado o 1.º tenente sr. Alves de Sousa, pela muita competencia profissional e zêlo que demonstrou, como comandante do submersivel *Espadarte*.

Pela imprensa

Vae publicar-se brevemente um pamfleto de combate e critica, intitulado *O Clarim*.

E' dirigido pelo sr. dr. António Cabreira, fazendo parte da redacção os srs. Oscar de Pratt, Zuzarte de Mendonça e Rui Cordovil.

GRANDE VARIEDADE DE Bilhetes, fracções e cautelas para todas as
GAMA
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais $15 para registo
Telefone: 1:020 — CENTRAL
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51—LISBOA

A CIDADE

BOA VONTADE...

Vai haver sessões durante sete horas por dia!

Os deputados estiveram hoje muito preocupados com a sua propria quantidade de trabalho

O Parlamento hoje esteve ocupando grande parte da sessão na discussão de um projecto apresentado pelo deputado sr. Ferreira da Rocha, tendente a estabelecer duas sessões diarias de trabalhos parlamentares, no intuito de aumentar a obra positiva da Camara, já não dizemos a sua obra util, porque isso é demasiadamente prematuro.

O sr. Ferreira da Rocha entende que com o espaço normal destinado ás sessões não se faz quasi nada, não se produz quasi trabalho algum, e todavia há imenso que fazer.

O sr. Vasco Borges insurge-se contra a letra e termos da proposta Ferreira da Rocha. Como? De manhã e de noite? Isso é lá possivel? Como hão-de trabalhar as comissões? Não, não pode ser. E concretiza:

—Depois a aprovação da proposta do sr. Ferreira da Rocha, obrigando-nos a estar aqui todos os dias, equivale a dispensa do regimento e urgencia para todos as propostas e projectos, pois não é legitimo, com essa intensificação de trabalho, as comissões estudarem.

Propõe o sr. Vasco Borges que o Parlamento funcione das 13 ás 20, e que todos compareçam e todos trabalhem «como deve ser».

Já o sr. Alberto Xavier, que fala a seguir, não está nessa disposição.

—Estamos aqui «a perder tempo há que tempos» na discussão de um assunto, que a pratica tem indicado ser esteril. Não é preciso senão isto: realizar trabalho *proficuo* e vir a horas. Os srs. deputados não estão a horas agora, que o trabalho é de pouco tempo, que fará depois. Não virão cá».

O sr. Carvalho da Silva entende que o que é preciso é discutir o regime cerealifero, ainda que a minoria monarquica esteja na disposição de fazer todos os sacrificios para trabalhar.

O sr. Vasco Borges voltou a falar e diz agora que, para conciliar tudo, basta que as sessões se prolonguem por duas horas.

O sr. Almeida Ribeiro diz cousas a respeito da proposta em discussão, mas nada se apura da sua integerrima maneira de expor. Manda tambem uma proposta para a mesa.

Trabalhar! E' preciso trabalhar! E' este o *mot d'ordre* de todos os discursos. Todavia são 16 horas.

Vai votar-se.

A proposito está-se lembrando na Camara e na bancada da imprensa um projecto, feito lei constitucional, de autoria do sr. Baltazar Teixeira, e apresentado pelo sr. João Camoesas, no qual se estabelece que a Camara funcione por secções.

A comissão do regimento da Camara é que pode eloborar o regulamento que vize a dar uma forma pratica áquela lei. Mas quando será isso? Lá p'rás kalendas gregas—aventa um deputado. Mas o sr. dr. Camoesas optimista, quere acreditar que será breve. A Camara a trabalhar por secções...

Mas vai votar-se.

O sr. Ferreira da Rocha retira a sua proposta, e finalmente é aprovada a do sr. Vasco Borges, pela qual se estabelece que a Camara trabalhará de futuro das 13 ás 20. Há uma contra-prova. Dá o mesmo resultado.

Por consequencia, sete horas cinco vezes por semana para trabalhar, trabalhar, trabalhar...

A ARTE DO RITMO

Porque não há em Portugal uma escola de dança?

E' necessario pensar na educação ritmica da mulher portuguesa — Portugal é um pais sem ritmo — O que se faz lá fora

O "Diario de Lisboa" ouve sobre este interessante problema o sr. dr. Manuel de Sousa Pinto

Porque não há ainda em Portugal uma escola de dança? Esta pregunta, que anda ligada á história do ministerio da Instrução, tem-se feito por mais duma vez e ainda não conseguiu obter resposta. Por falta de iniciativa? Por falta de dinheiro? Deve ser por falta das duas coisas. As ideias belas, que lá fóra conquistam rápidamente terreno propicio ao seu desenvolvimento, quando chegam a Lisboa no «rápido» de Paris, já têm cabelos brancos. A dança ritma pratica-se actualmente em quási todo o mundo civilizado, abrem-se escolas de dança todos os dias, estudam-se novos processos, procura-se tornar ainda mais bela a arte do ritmo—mas não se pratica, infelizmente, em Portugal. Pois não será possivel, senhores, crear em Lisboa uma escola de dança? Andamos tão afastados da linha ascensional do progresso, que não ligamos á ideia da Beleza o seu verdadeiro sentido. Portugal é um paiz sem ritmo. A mulher portugueza, porque não foi educada nos principios mais elementares da dança, não sabe andar na rua. Quando muito, dançou a *Valsa triste* no Club Estefania, e um *fox-trott* da moda em qualquer ponto de reunião elegante. Ritmo, beleza, a arte delicada do movimento—tudo isso lhe falta.

O sr. dr. Manoel de Sousa Pinto, que o *Diário de Lisboa* procurou para nos dizer alguma coisa sobre a dança, tem dedicado toda a sua atenção de escritor e de artista ao estudo interessantissimo da euritenia, tendo formulado já uma opinião que vale a pena registar.

—Não ignora a influencia da dança—disse-nos o distintissimo escritor—na educação fisica e até na educação moral da raça. A dança é uma fonte de serenidade e de graciosidade. Por isso, lá fóra, têm dedicado o máximo interesse á arte do ritmo. Em vários paizes, a dança faz hoje parte do ensino oficial.

—Entre nós, não se poderia tentar...

—Podia! Temos um clima admirável, que se presta lindamente para a educação ritmica da mulher. Em Portugal podia dançar-se ao ar livre durante seis mezes do ano. No Algarve, quási todo o ano. A mulher portugueza, talvez por lhe faltar paciencia e tempo, não aceitou ainda de bom grado o «sport», que tem a vantagem do exercicio e uma beleza casual. A educação ritmica, ao mesmo tempo que lhe dá exercicio, dá-lhe prazer, aliando um pouco a beleza á força. Na dança há uma beleza própria, derivada da perfeição do movimento e da harmonia do conjunto. E', além disso, uma fonte de disciplina maravilhosa para o carácter; traz ao individuo o dominio de si próprio.

—No estrangeiro, a dança aperfeiçôa-se, dia a dia...

—Foi Dallecross o inventor da gimnástica ritmica, baseada na musica. Lá fóra, ligam á dança toda a importancia. Tenho aqui um livro de Jean d'Udine, que diz o seguinte:

«A principio, existia o ritmo — disse Hans de Bülow num aforismo célebre. Pensava então na musica. A principio, existia, efectivamente, o ritmo, mas existia fóra da musica, que não o póde dispensar, assim como a escultura, a pintura, a arquitectura, porque o ritmo preexiste nos sons, nas linhas e nas côres como fenómeno dinamico. E' mesmo por isso que a dança é a musica ritmica de todas as artes, porque é dela próprio que nasce o ritmo, que a regula, ao passo que as outras artes precisam de o apropriar».

—Entre nós—continua o dr. Manoel de Sousa Pinto—ainda não se fez uma tentativa a esse respeito. E' preciso pensar no assunto, depois na maneira de o realizar. Há que trazer do estrangeiro professores ou subsidiar alguem que vá lá fóra aprender os progressos da euritmia. E' preciso estudar os diferentes sistemas de dança ritmica, elaborar um relatório completo e pôr depois em prática o que se estudou lá fóra. Se entre nós a iniciativa particular fôsse alguma coisa, podiamos esperar que se constituisse uma sociedade para explorar uma escola de dança. E note que se sente uma necessidade de crear uma escola de ritmo, de voltar um pouco á educação grega. A base do sistema de Delacross consiste no solfêjo, que em vez de se traduzir pelo som, se traduz pelo movimento. Emfim, diga no *Diário de Lisboa* que era bom começar a pensar se numa escola de educação ritmica em Portugal. E aguardemos o pensamento do sr. ministro da Instrução sobre um assunto tão interessante.

CARVÃO
CARDIFF das minas do almirantado
"Insol's Cymmer (Merthyr Smokeless")
A' DESCARGA
Portuguese Corporation of Commerce Ltd.
Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º
Telefs. C. 5092, 5093, 5094
Londres—56, Ludgate Hill

AS BARRACAS DE ALGÉS

Começou esta manhã a sua remoção

Ao contrario do que se esperava foram hoje removidas três barracas da praia de Algés para o bairro novo daquela vila, sendo conduzidas em camions da guarda republicana escoltados por praças da mesma. Cêrca das 9 horas compareceu em Algés uma fôrça da guarda republicana sob o comando do capitão sr. Amaral, que distribuiu vedetas por varios pontos da praia, não permitindo a aproximação de qualquer essoa.

Comendador Carlos Pareto

Um telegrama do Rio de Janeiro dá-nos a triste noticia de ter falecido, num tragico incidente de automovel, o conhecido comerciante e industrial comendador Carlos Pareto, figura de grande destaque na colonia italiana e relacionado com a primeira sociedade fluminense. Era pai da sr.ª D. Maria Elisa Pareto Rebelo Alves, esposa do sr. dr. Sylvio Rebelo Alves, ilustre professor da Escola Medica, aos quais apresentamos os nossos pesames.

Pela Enseada Azul

LISBOA-CASCAIS

Cais do Sodré. Um silvo rouco, e a locomotiva solta os primeiros arquejos de esforço, a longa cauda do mastodonte estraleja nos engastes, entra em movimento, e começam a perpassar os quintalejos convisinhos da estação, medas de lenha, velhos barracões acarvoados, um bric-à-brac de crassa porcaria, a suceder-se por ahi fora, não nos largando mais até ás portas de Belem.

A esta hora do fim da tarde, os comboios saem pejados de gente, um genero de individuos que, não podendo dar de mão a seus negocios e profissões, louvavelmente supedita ás familias, e a si proprio, este comodo veraneio nas circunjacencias da capital.

Ha traços de fadiga, manchas lustrosas de poeira e suor, tiques de extenuamento na fisionomia deste aglomerado populacional que aqui vai discutindo, historiando casos, esgarçando anecdotas, em repelões de voz nas passagens culminantes, quasi em grita, por se fazerem ouvir no meio do estrepito do rodado, da matraca das carruagens e do continuo *zapetrape* dos volantes, galgando as distancias.

Alcantara. Edificios da União Fabril, Companhia Metalurgica... areais da Junqueira... tudo vai ficando para traz.—De mãos dadas com o Liberato? Ah!... o nosso melhor industrial feito politico...

Dos dialogos que se cruzam, que se baralham na onda do ruido, apenas uma que outra frase truncada, uma palavra, uma exclamação, vem cair, perdidas, isoladas, no limiar do meu ouvido, em atalaia.

Pedrouços. Já o rio, desafogado de barracas, fabricas, cancelas e muros de tijolo, se desdobra á nossa vista em toda a sua brancura de prata, levemente tabizado por fortes refegões de nordeste. Ainda em Algés se nos depara a congerie de palhoças, que o incansavel sr. Moura pretende varrer dali. Resta-me saber se a clava do administrador de Oeiras é rija como a de Hercules, que então a montureira de Augias—perdão de Algés—será irremissivelmente varrida.

O tranvia bordeja agora longamente as aguas do estuario, ao longo da muralha, Dafundo além, Cruz Quebrada, Caxias, emquanto do lado de terra, os «chalets» se alcandoram pelas colinas proximas, ha pitoresco na distribuição da folhagem, uma frescura arval que chega dos baixos, onde adormecem, aqui, ali, riachos cansados, a afluirem, não se sabe donde, aos braços do Tejo hospitaleiro.

Resfolgam os pulmões, presentemente, na voluptuaria absorpção do ar lavado, perfumado de campo e de maresia, e sente-se o bem estar de quem, vindo dos mundos da poeira, duma atmosfera de forno e asfaltite, se sente alargar, encher de vida, no seio amplo da natureza renovadora, entre a floresta e o mar!

Como um dromedario exausto, o comboio estroteja agora pela ladeira de Paço de Arcos, e então o panorama do lado da Foz é já de molde a honorificar o Criador dos mundos. O Tejo começa a perder resistencia, dilata-se-lhe o ventre de giboia, que vem coleando de longe, para morrer ali, definitivamente, em frente de Oeiras, ás mãos do Atlantico, numa batalha colossal de beijos e de espuma!

Na carruagem raros são os que acordam o espirito para a contemplação da paisagem, e tudo é gargalharem, esgrimirem seus motetes, frisarem seu comentario... O sr. Lopes Cardoso demanda o Estoril, em grandiosa cavaqueira... Ao lado, num grupo de rapazes, desfia-se literatura... Ah! o Rui? Eh! eh! eh!... *de veras* só é engraçado.

—Como está você, não tinha visto... é boa! E' o sr. Luís Derouet que cumprimenta não sei que politiquete.

Parede. O ilustre professor D. Tomás de Noronha sai ajoujado ao peso de melões, uvas, manteiga, a praça da Figueira em peso! E' certo; as familias esperam um mimo, os petizes ficariam descoroçoados se os papás não levassem uma goludice...

Na estrada, já a caminho de Cai-Agua, pareceu-me ver o perfil de linhas secas do sr. Bernardino Machado, a recortar-se no verde de um pomar fronteiro. Porque não ha-de a natureza augusta esvasiar de ambições aqueles que se lhe vão acoitar no regaço? No Estoril, apeia o sr. Jorge Nunes, com o seu olhar gaseo, mui semelhante ao de Sua Magestade o rei Jorge VI. Não teem reparado?

Na opalescencia da tarde, é maravilhosa de côr a baia de Cascais, peluche de turqueza com listrões de radamanto e prata. Um poente em fogo se vai extinguindo para lá de Cabo Raso, deixando-nos ver apenas os altos reflexos da rosacea, a esbaterem-se nas aguas distantes. Cascais. Sinto uma forte contusão a amolgar-me: é o sr. Antonio Maria da Silva que, apeando a meu lado, demonstrou não ter a menor consideração pelos pés do cronista.

A.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

SOCIEDADE "ESTORIL"

Caminho de Ferro de Cais do Sodré a Cascais

Leilão

Em 25 do corrente ás 11 horas, por intermedio do agente Julio Cruz, na estação de Cais do Sodré, Lisboa, em virtude do artigo 112 da Tarifa Geral, proceder-se-ha á venda em hasta publica de todas as remessas incursas nos respectivos prazos, bem como de outros volumes não reclamados.

Avisam-se portanto os respectivos consignatarios de que poderão ainda retiral-os pagando o seu débito á Sociedade «Estoril», para o que deverão dirigir-se á repartição da exploração, na sua séde, Cais do Sodré, 52, 2.º, todos os dias uteis, até ao dia 24 do corrente.

Lisboa, 15 de Agosto de 1921.

O Director da Exploração,
M. Bello.

Algarvia, L.da

Importadores e Exportadores

OLHÃO

AOS AGRICULTORES:

ADUBOS DE BALEIA RADIOACTIVA

H. B. C.

Unicos no seu genero

Convêm aos agricultores por serem os unicos completos em tudo. Ricos em elementos nobres e substancias uteis, indispensavel ao completo desenvolvimento das plantas, garantindo colheitas abundantes.

O seu poder nitrificante e insecticida é incontestavel, estando destinados a fazerem um verdadeiro sucesso na agricultura.

Fornecemos adubos especiais para todas as culturas de campo, horta e jardim, tendo pronta a expedir todas as nossas formulas especiais.

Pedidos ao nosso escritorio:

Secção de adubos

HENRY BURNAY & C.A

10, Rua dos Fanqueiros, 1.º
LISBOA

PROVINCIAS

Em Moncorvo

Os descantes fora de horas

Moncorvo, 18

Há muito tempo que a horas adiantadas da noite se vem consentindo descantes que trazem irritado o animo de muita gente.

Uma operação

Afim de ser radiografado partiu para o Porto um filhinho do sr. Luis Ferreira de Carvalho, que há três ou quatro dias deglutiu uma pequena argola de ferro e respectivo parafuso.

Falta de postais

Há muito tempo que aqui não há postais á venda, e os sêlos de franquia, que são para cá enviados pelo sistema de conta-gotas, escasseiam e faltam muitas vezes.

Sêlos de industria e de imposto só aparecem de taxas elevadas, o que obriga muita gente a maior despesa.

As festas da Assunção

Pouco animadas as festas da Assunção, cujo programa, em parte, se não cumpriu. O prégador, sr. José Antonio Marques Junior, capelão militar em Lisboa, agradou. As ornamentações, do sr. Lira, pai, um desastre. As bandas do 13 e de Margaride, muito bem.

Os preços das carnes

Niguem concorreu á arrematação das carnes verdes, continuando por isso o mesmo abuso de preços elevados.

Feriado municipal

Hoje, por motivo do feriado municipal, estão fechadas as repartições publicas.

O deposito de aguas

Foram arrematados por 15.195$00 os trabalhos de construção do deposito de aguas nesta vila.

Falecimentos

Faleceram há poucos dias a sr.ª D. Maria Rego Teixeira e o sr. Sebastião Petronilho.

O tempo

Depois de uns dias de ardente calor, baixou agora a temperatura.

Em Matozinhos

A ultima correspondencia

Matozinhos, 19

A ultima correspondencia desta localidade foi muito apreciada, por conter só as verdades, que é necessario repetir-se constantemente, para Matozinhos não ser esquecido.

O "livrete" e as criadas

Vai um movimento enorme entre a classe das criadas de servir devido ao «livrete». Umas concordam e outras não. O livro não é cousa nova, pois que já há anos foi ordenada a tiragem do mesmo e tanto assim que há criadas que os têm e tirados nessa ocasião.

"O Democratico"

No proximo domingo é esperado o aparecimento de «O Democratico», orgão do P. R. D., nesta localidade.

Desejamos-lhe uma vida prospera e enviamos o nosso cartão de felicitações ao bom amigo Teixeira Rego.

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

PIQUETE NOCTURNO DE ELECTRICISTAS

CHAMADAS URGENTES

Sucursal de «O SECULO» (Rocio)

Telefone, 2:429 C. Pessoal da CASA RUBI

Em Vila Real

Inauguração de um caminho de ferro

Vila Real, 18.

Espera-se que no proximo dia 28 se proceda á inauguração solene do caminho de ferro a Chaves. Preparam-se grandes festas para essa ocasião.

Pedido de casamento

Para o sr. Julio Monteiro foi pedida em casamento a sr.ª D. Carolina Lameirão, filha do capitão sr. Francisco Lameirão.

As festas de Almodena

Já foram distribuidos os programas das festas que se realizam á Senhora de Almodena, nos dias 7 e 8 de setembro.

Evasão de presos

Numa das ultimas noites evadiram-se da cadeia sete presos, dos quais um foi recapturado.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 23.—Resa-se da Vigilia de S. Bartolomeu, S. Filipe Benicio, confessor. Duplex. Paramentos brancos. Na missa, «Justus», 2.ª oração e ultima do Evangelho da Vigilia (ou missa da Vigilia, côr roxa, sem gloria, 2.ª oração da festa, sem credo e prefacio).

—Lausperene na igreja de S. Bartolomeu, ao Beato.

—Festividades:

Sé, ás 11 horas, côro; ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 8-30, missa.

Campo Grande, ás 11-30, festa a Santa Dorotea, com missa solene, por musica, orando o rev. dr. Santos Farinha.

S. Bartolomeu, ás 11-30, festa á Senhora do Carmo, com missa solene, por instrumental, orando o rev. Governo; ás 18, ladainha e «Te-Deum», por musica.

Ordem Terceira do Chmpo Grande, ás 18-30, novena do Coração e Maria, com exposição do Santissimo, por musica.

Chegwin, Moura & C.ª L.da

CASA BANCARIA

103, Rua Aurea, 105

DEPOSITOS	Ordem	3 meses	6 meses	12 meses
	4 1|2 0|0	5 0|0	6 0|0	7 0|0

Correspondentes em todo o país e estrangeiro. Saques, ordens de bolsa, transferencias e todas as operações de banco em geral

Telegramas «TOM» Telefone Central 3033

103, RUA AUREA, 105

Termas das Caldas de Canavezes

(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)

CONDUÇAO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS

As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO

Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO

Escritorios: Nas termas. Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º

N.º 2 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 22-8-921

OS BELOS DIAS DE OUTUBRO

por LUCIE FAURE FAVRIER

I

«Eu tinha-lhe, todavia, recomendado bem que subisse, afirmava Georgette. Mas ela respondeu-me, como ela sabe responder, que tinha bastante tempo para ficar fechada naquela «zorra» cheia de poeira. Julguei mesmo que ela estava na plataforma com o senhor. E a senhora lá estava tambem. E eu estava carregada como uma burra.

—Está bem. Cale-se.

—Emfim! concluiu o senhor Catelin, ela está em Barbizon e é preciso ir buscála.

Ele recusou-se a ceder a sua mulher para esta estopada, pois os seus negócios o chamavam a Paris, nessa mesma tarde.

Sacrificar-me-hei! Três quilómetros a pé! suspirou a mãe. Depois, passando da prostração á cólera, ela multiplicou as recomendações a propósito da instalação em Paris, dando ordens para as limpezas. Chegaria no dia seguinte de manhã com a Lise que assim só estaria atrazada de meio-dia, no dia da abertura das aulas.

—Mas antes, receberá uma correcção, isso juro, gritava ela, novamente irada.

O marido esforçava-se para a acalmar. Agora, no compartimento, cada um dava a sua opinião. Uns, de boa fé, condoíam-se do «acidente», mas havia outros a quem a presença dessa senhora gorda, em furôr, dava vontade de rir.

II

Uma menina com capa de capuz e boina encarnada e que segurava um «fox», debaixo do braço...

Pelo caminho, vae correndo, sob as altas ramarias, a menina da boina encarnada. Ela corre numa direcção diametralmente oposta áquela que segue, neste instante, o comboio-«tramway». Corre sobre a herva que orla o caminho, para que seus pés não deixem rasto no solo arenoso. A menina foge.

Com precauções de caçador furtivo, ela foge para os lados de Arbonne, por atalhos que ela bem conhece. De vez em quando, volta-se para vêr se não a seguem. Quando ela julga ouvir uma chamada, lança-se nos fetos e ahi se esconde. Com o capuz na cabeça, fica da côr das hervas do outono.

Mas não, nenhum ruido, excepto os da floresta. Ela passou á altura da ultima «vila», despejada dos seus hóspedes. E agora, em plena floresta, por entre as fáias e as rochas, respira e coloca o cão ao pé dela. O seu coração bate com menos força. Desde que já não teme ser apanhada, ela tem vontade de rir da partida que fez á familia... No momento em que o comboio se punha em marcha, tinha-se chegado muito á parede coberta de brionia, entre dois vazos de loendros, o cão debaixo da capa. Saido o ultimo empregado da estação, ela deslizou ao longo do muro, devagarinho, muito devagarinho, até o caminho fundo que passa atraz dos «chalets». E assim que atingiu o caminho, disse:

—Vamos, um pouco de coragem, «Delicado»! «Delicado», o «fox» branco, que tem sobre um olho uma mancha preta em feitio de monóculo, queria correr tambem, porque a sua dona o aperta desastradamente contra sua anca ponteaguda. O «Delicado» é pezado. Peza três quilos!

—Não, «Delicado», tu és muito branco. Podiam vêr-te. Ainda não é noite bastante. Oh! uma ideia!...

Agachou-se no valado, e, desdobrando o estôjo dos guarda-chuvas, retirou dele um casaquinho para o cão em pano «kaki».

Assim, «camouflés» de côr do outono, Lise e o seu cão, pulam sobre as urzes. O «fox» começa a ladrar de alegria. Mas a pequena chama-o e agarra-o

—Dou-te um bofetão se recomeças a ladrar! Um bofetão mesmo no focinho.

O «fox» abaixa as orelhas e trota atraz da dona que corre com quantas forças tem. A noite sucede ao crepusculo chamejante. Mas sob os claros pinheiros ainda há um pouco de luz. Por isso, Lisa corre de preferencia sob as fáias ramalhudas, interrompendo-se constantemente para se esconder atraz das rochas! Há quási uma hora que ela anda assim.

Emfim, a casa de Huberto Domer aparece na clareira. Uma casa branca e baixa encostada a um celeiro. Mais choupana do que casa. Nenhuma luz brilha nas duas janelas e a porta da casinha tem o postigo verde fechado

Farejando a sua chegada, os cães atiram-se contra a grade e ladram. Atravez do portão, Lisa grita-lhes:

—Calem-se. Sou eu!

Levanta o fecho e penetra no páteo onde os cães lhe fazem festas. Mas Lisa corta as suas efusões.

—Senhor Huberto! senhor Huberto! chama ela a meia voz.

(*Continua*).

NO ESTRANGEIRO

O QUE NOS DIZEM DE LONDRES

A AMERICA CONVIDA OFICIALMENTE A INGLATERRA A ASSISTIR Á CONFERENCIA

Lloyd George mostrou no seu ultimo discurso a conveniencia de haver uma reunião antes de reunir a conferencia de Washington

O Japão e a França tambem aceitaram o convite que lhes foi feito

LONDRES, 22

Os Estados Unidos da America do Norte enviaram já convite formal á Inglaterra para assistir á conferencia do desarmamento, de 11 de novembro. A resposta ingleza foi enviada em termos muito cordiais.

O Japão e a França tambem aceitaram o convite que igualmente lhes foi feito. E' opinião corrente em Washington que Lloyd George, no seu ultimo discurso, pretendeu sugerir a conveniencia de haver uma reunião, antes da conferencia, para preparar a resolução de questões pendentes entre os Estados Unidos e o Japão.—(R.)

A Russia branca pode exportar 48.000 toneladas de batatas e 8.100 de trigo

LONDRES, 22.

A delegação comercial russa nesta cidade, declarou que a Russia branca pode ceder para serem exportadas para outras provincias quarenta e oito mil toneladas de batatas e oito mil e cem toneladas de trigo, dado que ela obtenha, em troca, tecidos, ferragens, maquinas agricolas e combustiveis. Desde Janeiro até hoje o numero de casos mortais de cólera é de 71.871.—(R.)

LISBOA

Hotel Internacional

O melhor tratamento
O menor preço
BANHOS
Almoços e Jantares

O Hotel Internacional tem automovel á chegada dos comboios e vapores.

TELEGRAMAS HONAL

Sociedade Luzitana dos Hoteis, L.da

Gerente: LINO MARTINS COELHO

ROCIO — ESQUINA DA RUA AUGUSTA

A PROXIMA GUERRA

O JAPÃO CONTRA OS ESTADOS UNIDOS

A conflagração europeia deu ao Japão extraordinarias vantagens economicas e politicas

O desenvolvimento das industrias — A dominação na China — A influencia na Siberia — A conferencia de Washington pretende evitar uma guerra?

O Japão, que no principio da guerra mal emergia ainda entre as nações de segunda grandeza, tem hoje no mundo uma importancia que originou a convocação da conferencia de Washington.

A guerra europeia, dando-lhe meios de se alçar ao logar de potencia de primeira grandeza, deslocou o centro de gravidade do mundo e qualquer que seja a importancia dos conflitos da Europa, eles não são nada junto das forças que se encontram frente a frente do outro lado do Pacifico, para resolverem a supremacia, não entre nações. nem entre dois ramos divergentes da mesma raça, mas a supremacia entre duas raças fundamental e originariamente opostas e antagonicas: a da raça branca e a da raça amarela.

Depois de se ter petrificado numa civilização imovel ha mais de quatro mil anos na China, a raça amarela começou a evoluir no Japão, a aproximá-la da civilização europeia e a assimilá-la tão rapidamente, que em menos de 50 anos, de nação obscura, desconhecida e considerada incivilizada dos antipodas conseguiu tornar-se uma potencia de civilização notavel e comentada, colocou a sua marinha no 6.º logar e em virtude da guerra consegue hoje fazer frente á primeira potencia do mundo e ameaar modificar toda a superficie do globo.

A sua força é tanto mais de temer quanto são couhecidas as suas inclinações belicosas de hoje, apesar dos protestos de alguns dos seus orgãos da imprensa.

O Japão foi a nação do mundo que mais aproveitou com a guerra; os seus esforços a favor dos aliados limitaram-se á tomada em seu proveito de Kiao-Tkion. Em troca disto e da perda de alguns navios e de algumas centenas de soldados, vejamos a situação privilegiada, economica e politica que adquiriu.

Vantagens economicas

Quando rebentou a guerra a situação economica do Japão era dificil; as fabricas produziam um grande excedente sobre o consumo, não tinham mercados externos e a concorrencia da industria estrangeira nos mercados internos ainda agravaram um tal estado de coisas.

Com a guerra, porém, as nações concorrentes deixaram de produzir e as necessidades de seu consumo obrigou-as a procurar nas outras os artigos de que careciam. O Japão estava naturalmente indicado em primeiro logar para esse fim, pela sua qualidade de aliado, pela produção excedente que tinha e pela marinha mercante importante que já possuia.

O esforço limitadissimo, insensivel, que dispendia como beligerante dava-lhe facilidades para se entregar á produção como em tempo normal.

Alguns numeros precisam mais do que todas as palavras: o número de operarios das fabricas, que era da 622:000 em 1913, eleva-se a 1.103:000 em 1918; o de oficinas, elevou-se de 12:000 a 28:000. As industrias de ferro e de maquinas que não existiam ocupam hoje 120:000 operarios; as industrias quimicas 100:000, as de alimentação 150:000, a fabricação de papel, artigos de couro, de madeira e de bambú para exportação 85:000; as industrias textis mais de 600:000.

O Japão, que ha 10 anos possuia cem mil teares, tem hoje mais de 3 milhões, e as suas sedas, veludos, tecidos de lã e de algodão conseguem bater frequentemente nos melhores mercados os artigos de origem francesa, inglesa e americana,

A marinha, que tinha no principio da guerra o 6.º logar, tem hoje o 4.º, depois da Inglaterra, dos Estados Unidos e da França.

Vantagens politicas

Mais importantes porém do que as vantagens economicas são as vantagens politicas adquiridas. De estado insular, com um territorio relativamente pequeno, o Japão tornou-se um estado continental importantissimo com a acquisição, podemos bem chamar-lhe assim, sob a garantia da Conferenvia, de Chan-Toung, provincia de de trinta milhões de almas; com a fiscalização absoluta sobre toda a Mandchuria e Mongolia interior; com a colossal influencia e acção economica sobre a Siberia transbaikaliana.

E tendo em vista estes factos vemos a China, cuja situação se pode considerar nas mãos do Japão, se uma força exterior a não proteger, rodeada por todos os lados por um circulo de territorios niponicos e sob o poder economico do Japão, por lhe ter hipotecado as minas durante a guerra.

Não é preciso mais para se compreender os cuidados que uma tal força com intuitos belicosos inspira, sobretudo aos Estados Unidos, que levaram estes a convocar a conferencia de Washington para evitar uma nova guerra que, a declarar-se, seria a mais formidavel de todos os tempos, embate de duas raças poderosas, cuja luta, a começar, só terminará pelo aniquilamento duma delas.

ELECTRICIDADE PORTATIL

Luzes de bolso!!!

Lapadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.

EFEITO SURPREENDENTE!

Descontos aos revendedores

Remete-se para a provincia

CASA TRIUNFO

R. Augusta, 72, 74

LISBOA

DA ARGENTINA

As exequias comemorando o centenario da morte do primeiro ministro português

BUENOS AIRES, 21.

Com a assistencia do ministro dos Estrangeiros, Puyrredon, do prefeito Cantillo, do ministro portuguez sr. Alberto de Oliveira, de vários membros da colónia portugueza e delegações de instituições escolares e outras, celebraram-se esta manhã exequias solenes, comemorando o centenário do falecimento do primeiro ministro portuguez junto do governo da Argentina, João Manuel de Figueiredo Depois da cerimónia religiosa os assistentes dirigiram-se á casa onde residiu o ilustre diplomata, procedendo á cerimónia da inauguração duma lápide.—(A.)

A GUERRA EM MARROCOS

MAIS DE DOIS MIL INGLESES PRETENDEM ALISTAR-SE NA LEGIÃO ESTRANGEIRA

Junto do Consulado Geral de Espanha, em Londres, a policia tem de fazer formas a quatro as pessoas que se iam alistar

O governo inglês diz que a Espanha tem conservado a maxima correcção

LONDRES, 22.

Tem sido enorme o numero de individuos que têm ido á legação espanhola para se alistar na Legião estrangeira desta nação, que faz serviço em Marrocos. O alistamento tem dado lugar a scenas curiosas. Há alguns dias, que desde a mais alta madrugada, centenares de pessoas se têm postado em frente do Consulado geral de Espanha, tendo a policia procedido ao seu alinhamento em filas de quatro. Um destes dias, quando o consulado abriu ás dez da manhã, havia na rua mais de dois mil e quinhentos homens. O consul, que não esperava receber um tão grande numero de pessoas que pretendessem alistar-se, telefonou ás auctoridades, requisitando inspectores de policia que conseguiram dispersar a multidão, explicando-lhes que o alistamento se faria n'outro lugar, que seria oportunamente marcado. O consul, explicou depois, numa declaração, que os contractos só poderão ser feitos em Espanha e que os que se pretendem alistar deverão dirigir-se a esse paiz a seus riscos e perigos. Declarou tambem o consul, que não se fazem alistamentos de oficiaes. O governo inglez não atribue importancia a estes assuntos e diz que a Espanha se tem portado com a máxima correcção.—(U. P.)

O ministerio da guerra ordena que se publiquem o numero de baixas

MADRID 22.

O ministerio da guerra publicou uma circular ordenando que as autoridades militares de Marrocos comuniquem telegraficamente as baixas ocorridas em qualquer operação. As relações das baixas, serão posteriormente enviadas aos chefes das unidades da metropole, que as comunicarão aos alcaides, para delas dar conhecimento ás familias dos expedicionarios.

O estado dos feridos será indicado de dez em dez dias.

Depois disto feito, os capitães generais farão chegar estas noticias ao conhecimento de todos por meio da imprensa. —(U. P.)

BARCELONA, 22.

O sr. D. Manuel Maria Sabater ofereceu a sua quinta da Torre do Alamo, para instalar um hospital com setenta camas; para os soldados de Africa—(R.)

MELILLA, 22.

Em Izamar, colocou-se um «blockaus» que ficou guarnecido por dois sargentos e vinte soldados do regimento de Tetuan.—(R.)

BARCELONA, 22.

Marcharam para Ceuta vinte e oito alistados na Legião estrangeira.—(R.)

A TARDE PARLAMENTA

DISCUTE-SE LARGAMENTE A PROPOSTA SOBRE O PROLONGAMENTO DOS TRABALHOS

Hipoteses antes de abrir a sessão—O ministro da guerra vai bater-se em duelo?—A Camara vota distraidamente uma proposta que viza a trabalhar, trabalhar, trabalhar... — O sr. Julio Martins volta, dentro de mez e meio, á actividade politica

Hoje, assim que houver numero—se o houver—repetir-se-há a votação, com contagem, requerida pelo sr. Plinio Silva, para admissão da proposta do sr. Vasco Borges, aumentando de duas horas, o periodo das sessões. Juntamente com esse documento está um outro na meza em que o sr. Ferreira da Rocha propõe sessões extraordinárias quatro vezes por semana, das 9 ás 13. Podemos garantir que se o primeiro não fôr aprovado, o segundo ainda o será menos.

Havendo *quorum*, devem apreciar-se as emendas que o Senado introduziu nas propostas referentes á região do Douro, sendo possivel que sobre elas incida alguma discussão. E caso não sejam aprovadas, terá que reunir o Congresso ainda esta semana, a fim de se resolver definitivamente o caso.

Tão fundas foram as divergencias no seio da comissão parlamentar de agricultura ácêrca da proposta do regime cerealifero, que a discussão desse diploma esteve para se fazer sem essa entidade se pronunciar.

Diz-se nos Passos Perdidos que o sr. ministro da Guerra vae mandar as suas testemunhas á pessoa que considera responsavel por alguns artigos publicados num jornal de Madrid.

Na ordem do dia figura a eleição de 4 vogaes para o Conselho Superior de Finanças e 2 para o Conselho Colonial. Dos quatro primeiros, dois são efectivos e os outros dois substitutos.

Os srs. deputados não perdem ensejo de mostrar que desejam produzir... A' hora regimental estão na sala três membros da Camara.

Quinze minutos depois, estando no hemiciclo já uns 15 legisladores, entre os quaes o presidente, o sr. Plinio Silva diz que são horas. E como o sr. Jorge Nunes responda que ainda não chegou o 2.º secretário, o sr. Plinio Silva oferece-se para substituir esse membro da meza, procedendo-se á chamada. Feita esta, espera-se que haja numero para se fazerem as leituras da praxe, o que acontece ás 14,35.

Depois, o sr. Joaquim Brandão manifesta o desejo de que não se marque falta a nenhum dos deputados que não respondeu á chamada que na sexta-feira originou o encerramento da sessão.

* * *

Apresentou-se hoje na Camara, pela primeira vez, o sr. Rodrigo Rodrigues. E' natural que o leitor queira saber as disposições em que se apresentou o antigo ministro e distinto parlamentar. Nós lhe dizemos: fato claro, colete branco, barba feita, bigode retorcido e luneta de vidros convergentes. Ainda outro indicio de disposição: sentou-se ao lado do sr. Nunes Loureiro.

* * *

Na meza, ás 3,25 lêem-se pedidos de concessão de licenças. Diz-se já que uma das secções da Camara vae funcionar nas Pedras Salgadas e outra nos Cucos.

* * *

—E' preciso que o Parlamento da Republica esteja organizado. E' preciso que trabalhe. Para isso eu estou disposto a vir aqui seja a que horas fôrem, e com quantas sessões diárias fôrem marcadas.

Isto disse o sr. Raul Monteiro Guimarães, no seu retoque de pronuncia de homem do Porto, convicto da sua vontade de trabalhar e da fidelidade do seu despertador...

* * *

Na discussão da proposta sobre o prolongamento dos trabalhos, a maioria aprovou, levantando-se em pezo. Houve alguem que quiz notar uma defecção: a do sr. dr. Mira, que estava sentado. Mas não: o sr. dr. Mira estava tambem de pé.

* * *

A Camara, hoje, está votando de uma maneira doente, amnesica, desconsolada. Certa proposta é rejeitada, com dois votos só de aprovação. Na contra-prova, os dois votos passaram a rejeitar e todos os outros a aprovar. Mas, por fim, tudo se esclarece. Convencionalmente, claro... (Ouvem-se algumas gargalhadas dos poucos que perceberam).

* * *

A's 14,15 ainda se está a discutir, na votação, a proposta que visa trabalhar, trabalhar, trabalhar. Até aqui a sessão foi, porém, completamente perdida. São 16,25; alfim acabou.

* * *

Diálogo, a voz alta:

O sr. *Hermano de Medeiros*:—Peço a palavra para interrogar a meza...

O sr. *Jorge Nunes*:—Oh! senhor, eu não o posso atender. Está tudo votado. Isso é atrapalhar os trabalhos

O sr. *Hermano de Medeiros*:—Tem V. Ex.ª talvez razão. Mas é que a Camara está tão intranquila, que se não ouve nada...

O sr. *presidente*:—Agora é V. Ex.ª quem tem razão... (Dois sorrisos e tem a palavra o sr. Ferreira da Rocha).

* * *

A certa altura, o sr. Jorge Nunes diz: «quando a Camara o consentir, o sr. secretário da Meza lê a proposta». (*Cinco minutos para fazer silencio. Alfim vem o silencio*).

* * *

O sr. Carvalho da Silva pede a palavra constantemente, para explicações, para interrogar a meza, para invocar o regulamento, para ser elucidado sobre isto ou aquilo, etc. De modo, que o simples facto de, ele, extremissima oposição, pedir a palavra, já não causa sensação ou espectativa alguma.

* * *

Estão a ser lidas e são aprovadas, algumas sem discussão, as alterações do Senado á proposta relativa ao Douro.

* * *

O sr. Julio Martins vem dentro mez e meio, para a actividade politica. Di-lo o sr. Manuel José da Silva (Oliveira de Azemeis), que nos Passos Perdidos ostenta, em sua expressão radiante e subtil, toda a força e actividade do Partido Popular.

Além-mar

Foram aprovados os estatutos da caixa de aposentações do quadro alfandegario de Moçambique

O Alto Comissário de Moçambique aprovou os novos estatutos da Caixa de aposentações e pensões do quadro das alfandegas daquela colónia e os da Caixa de Auxilio dos empregados telegrafo-postaes e o regulamento para a exploração dos caes do porto de Lourenço Marques.

Reorganização dos serviços das circunscrições civis de Moçambique

Em virtude da reorganização dos serviços das circunscrições civis em Moçambique, foram nomeados chefes de postos em diversas circunscrições, os srs. Francisco Ribeiro, António Rodrigues, José de Abreu, Francisco Martins e Manuel dos Santos.

Liceu de Ponta Delgada

Foi admitido ao concurso para um lugar de professor efectivo do 7.º grupo, do liceu de Ponta Delgada, o sr. António Augusto Riley da Mota.

Capitão do porto da Horta

Deixou o cargo de capitão do porto da Horta, o capitão de fragata sr. António Rafael Bastos.

E' criado o lugar de delegado guarda-mór na ilha do Corvo

Foi para o *Diário*, a lei creando na ilha do Corvo, os lugares de delegado guarda-mór de saude e de farmaceutico, respectivamente com os ordenados anuaes de 1.500$00 e 1.000$.

NO MUNDO DO SPORT

Lenglen perde o compeonato do mundo

Depois de ter perdido a primeira "partida" abandonou o "match"

NEW YORK, 22.

Mademoiselle Lenglen abandonou o *match* contra Madame Mallory, depois de ter perdido a primeira partida por 6-2.

AS OPERAÇÕES EM MARROCOS

O alto comissario manda bombardear duas posições inimigas

MADRID, 22.

O alto comissario de Marrocos comunica que tendo tido noticias de concentrações inimigas em Sidi-el-Hach e em Yafaet, ordenou que uma esquadrilha de aviões bombardeasse esses lugares, realizando-se esta operação com resultados eficazes. (R.)

O capitão Fernando Vila salva 70:000 mil pesetas

MELILLA, 22.

O capitão D. Fernando Vila, que esteve sitiado com as forças de ocupação que guarneciam Nador na fabrica de farinhas, conseguiu salvar setenta mil pesetas que havia nas repartições da Intendencia, tendo-se ahi dirigido sósinho, correndo os maiores riscos. O seu procedimento heroico foi muito elogiado. — (R.)

O general Berenguer conferenciou com o general Cavalcanti

MELILLA, 22.

Depois de regressar de Tetuan, o general Berenguer foi recebido pelo general Cavalcanti, com quem celebrou uma larguissima conferencia. Depois, o general Berenguer poz-se em comunicação com Madrid, conferenciando com o sr. ministro da guerra.—(R.)

Os navios espanhois continuam a bombardear a costa

MELILLA, 22.

Os navios de guerra espanhois bombardearam a costa de Beni-lu-Gafal, causando fortes perdas aos rebeldes. Uma granada caiu dentro duma casa, matando dezoito mouros.—(R.).

Trava-se um violento combate proximo de Tetuan

MADRID, 22.

Noticias de Tanger dizem que se está travando um violento combate entre os espanhoes e os marroquinos de Abd-el-Krin, tendo sido cortadas as comunicações com Tetuan.

Bolsa de Lisboa

Dia 22

EFECTUADO

Divida Interna Fundada	
Ass. tit. 1.000$00	44.
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Coup. tit. 1.000$00	44.
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Obrigações do Emprestimo de:	
3 0|0 1905	—
4 0|0 1888	—
4 0|0 1890 coup	—
4 1|2 1888|89 ass	—
4 1|2 1889 coup	—
5 0|0 1909 coup	—
4 1|2 1912 ouro	—
5 0|0 1917	67.80
3 0|0 externas 1.ª série	174.50
3 0|0 » 2.ª »	—
3 0|0 » 3.ª »	174.
Acções	
Banco Colonial Português (port.	142.40
Banco Colonial Português (cop.	144.50
» Comercial de Lisboa	271.
» Economia Portuguesa	—
» Nacional Ultramarino (ass.)	—
» » » (coup.)	223.
» Lisboa & Açores	270.
» Portugal	—
» Minho	—
» Português e Brasileiro	—
C. G. de Credito P. Português	35.
Lezirias Tejo e Sado	—
C. N. Navegação	125.
C. Fosf. (coup.)	—
C. Tabacos Port. (coup.)	230.
Portugal e Colonial	108.20
Cabinda	7.80
Buzi	49.50
Ilha do Principe	207.
Moçambique	—
Zambezia	—
Companhia do Boror	—
Obrigações	
Atravez d'Africa	—
Benguela, titulo 1	161.50
Benguela, titulo 5	—
Companhia Nacional, 1.ª serie, coupon.	—
Companhia Nacional, 2.º serie, coupon.	—
Fundos Federais do Brazil	
Emprestimo 5 °|o, 1914, Funding	—
Emprestimo 5 °|o, 1903, Porto Rio	—
Companhia de Seguros	
Adamastor	—
Fidelidade	1.900.
Portugal Previdente	—
Probidade	—
Sagres	—
Tagus	—
Mundial	—
União dos Proprietarios	—

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	47$50	49$00
s|Londres cheque	6 1|8	6 0|0
» 90 d. v.	6 5|16	—
Rio s Londres	7 5|8	—
s| Paris	828	846
s| Italia	460	471
s| Belgica	810	828
s| Suissa	1814	1852
s| Espanha	1386	1416
s| Berlim	126	131
s| Holanda	3320	3395
s| Nova York	10690	10920
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1|2	—
» » » » Portugal	7 1|2	—
Agio do ouro	800	900

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s|Paris	—
» s|Londres	28,26
» s|New-York	—
» s|Berlim	—
Paris s|Londres	47,38
» s|Madrid	—
» s|Genebra	—
» s|Berlim	—
Londres s|Paris	—
» s|Roma	85,25
» s|New-York	—
» s|Berlim	—
» Amsterdam	11,81
» s|Genebra	21,64
» s|Belgica	—
» s|Suecia	—
» s|Austria	—

E' louvado o sr. Barreto da Cruz, chefe do protocolo da presidencia da Republica

Foi louvado em portaria o sr. dr. Luiz Barreto da Cruz, chefe do protocolo da presidencia da Republica, pelos relevantes serviços prestados á Republica, quer na colaboração e direcção de varios actos que, sendo oficiaes, não estão, todavia, compreendidos nos deveres próprios do seu cargo, bem como pela superior competencia, boa vontade e dedicação que tem demonstrado no desempenho daquelas funções.

Malas postais

Pelo *Andes* são ámanhã expedida malas postaes para a Madeira, Pernambuco, Pará, Manaus, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu, Buenos Aires e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 11 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 9.